
A CIDADE E AS SERRAS: A PALINÓDIA DE EÇA DE QUEIROZ

Um Estudo do Foco Narrativo

Alvaro Santos SIMÕES Junior¹

RESUMO: Propomos uma leitura para o romance *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queiroz, através da análise do foco narrativo. Procuramos compreender essa obra como uma sátira sutil à produção da segunda fase de Eça.

UNITERMOS: Realismo português; *A Cidade e as Serras*; Eça de Queiroz; foco narrativo.

A Cidade e as Serras, de Eça de Queiroz, que se originou de um conto chamado "Civilização", alcançou a sua forma definitiva em fins de 1898 (Ramos, 1945, p. 192). É a história de um certo Jacinto contada pelo seu amigo, José Fernandes de Noronha e Sande.

Segundo Alexander Coleman, *A Cidade e as Serras* e *A Ilustre Casa de Ramires* são os romances queirozianos mais infortunados: "nenhuma outra obra de Eça é mais lamentavelmente mal compreendida e mal lida do que estes últimos romances" (Coleman, 1980, p. 249²). A estrutura narrativa um tanto esquemática, a tese simplista da "harmonia rural" e o conservadorismo ideológico (neo-evangelismo, ruralismo patriarcal, sebastianismo jacintista), que percebemos em *A Cidade e as Serras*, indispueram grande parte da crítica literária contra o romance, que seria a "palinódia suprema" do autor sarcástico ou, ainda, "reconciliação lusitana, regresso do filho pródigo enfim abraçado ao chão antiquíssimo e convertido às delícias dum Portugal agrário, retrógrado e humilde de que seria expoente máximo (...) Tormes"

¹ Pós-graduando em Letras, na área de Literaturas de Língua Portuguesa, pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP -19800-000 - Assis - SP.

² As citações do texto de A. Coleman foram traduzidas por nós.

(Medina, 1974, p: 113).

João Gaspar Simões (1945) faz a pior avaliação, não só de *A Cidade e as Serras*, mas de toda a chamada terceira fase de Eça. Esse crítico, reconhecidamente impregnado de conceitos marxistas, tende a exaltar a segunda fase, em que Eça se revela um mordaz crítico de costumes, um iconoclasta impiedoso e um corrosivo crítico da hipocrisia, mediocridade e corrupção do meio português. Ao romancista da terceira fase, que considera um "conformista", dedica apenas sessenta e cinco páginas das seiscentas e quarenta que compõe o seu livro *Eça de Queiroz - o Homem e o Artista*. João Gaspar Simões sempre busca um paralelismo entre, de um lado, a obra e a vida do autor, suas idéias expressas por artigos e cartas e, de outro, a obra literária. Quando este não ocorre, como no caso de *A Cidade e as Serras*, passa a considerar a obra inautêntica.

Aqueles que querem ver nesta obra a condenação do estrangeirismo que o romancista exaltara e uma espécie de apologia das sãs virtudes nacionais devem meditar na dose de artificialismo em que a obra se apoia. Realmente, A Cidade e as Serras não passa de um habilíssimo exercício literário. (Simões, 1945, p. 627)

Na abalizada opinião de Antonio Candido (1978), "o excesso de bucolismo esquemático atrapalha a boa vontade de Eça, desvitalizando o seu idílio serrano" (Candido, 1978, p. 46).

Candido, seguindo aparentemente o raciocínio de João Gaspar Simões, estabelece uma relação entre a posição social de Eça após o casamento e as mudanças que se verificam na sua obra:

um amigo do Paço, que escrevia artigos louvando o rei e a rainha, devia forçosamente retificar a sua linha para a direita (...), abandonar o pessimismo antiportuguês e antimonárquico, deixar de encarar a pátria como "choldra" e acreditar na excelência, senão do presente, ao menos da tradição e das possibilidades lusitanas. (Candido, 1978, p. 52)

Embora estas últimas palavras façam eco às de João Gaspar Simões, Antonio Candido não deixa de condenar a "pressa" de certos

críticos em negar valor artístico à terceira fase queiroziana:

Saibamos apreciar esteticamente uma acomodação que pode ferir o nosso gosto político, mas graças à qual [Eça] pôde realizar A Ilustre Casa de Ramires (...). As conjecturas de ordem política trazem algum auxílio ao estudo do problema, mas não devem erigir-se em critério de julgamento. (Candido, 1978, p. 56)

Neste trabalho, procuraremos seguir a exortação de Antonio Candido e julgar *A Cidade e as Serras* com critérios estritamente estético-literários, desprezando a noção pré-concebida de que esse é um romance "menor", inserido numa fase em que o melhor Eça - combativo, iconoclasta, polêmico - sai de cena para dar lugar a um Eça epígono de si mesmo e "conformista", como quer João Gaspar Simões.

Na nossa opinião, uma leitura satisfatória desse romance deve partir de um estudo cuidadoso do foco narrativo, uma vez que todas as informações sobre Jacinto, Paris, Tormes e mesmo as modificações sofridas pelo protagonista só nos chegam através do crivo do narrador Zé Fernandes, deformadas e selecionadas de acordo com a sua ideologia, sua proximidade em relação aos acontecimentos e suas intenções ao narrar a história.

Podemos classificar a focalização nesse romance como homodiegética, porque Zé Fernandes, além de narrador, é personagem inserido na diegese³, testemunha das idas e vindas do protagonista, Jacinto. Em virtude da focalização interna de narrador-testemunha, temos uma visão restrita, não-onisciente.

Alexander Coleman (1978) faz, na nossa opinião, uma análise abrangente de várias implicações possíveis da posição de Zé Fernandes, doador da narrativa e personagem vivendo a diegese, que toma uma postura ideológica aparentemente conflitante com a do Jacinto parisiense.

3 Diegese pode ser entendida, na acepção genettiana, como história, ou seja, o significado ou conteúdo narrativo (cf. Aguiar e Silva, 1976, p. 284).

Coleman considera *A Cidade e as Serras* "uma das obras mais oblíquas e ambíguas escritas por Eça" (Coleman, 1980, p. 278), e, tentando explicar essa ambigüidade, escreve:

se o romance propõe uma tese, ela é constantemente contraditada por minúsculas insinuações verbais cuidadosamente inseridas nas duas partes do romance, que são sempre expressas pela voz narrativa dominante no romance, Zé Fernandes. (Coleman, 1980, p. 278)

A narração de Zé Fernandes, feita toda retrospectivamente (como veremos mais adiante), tem, aparentemente, a intenção de provar uma tese, a de que a vida no campo é mais harmônica e benfazeja ao homem comparada à vida nas cidades - na opinião de Antonio Candido, "a apoteose da Serra sobre a cidade é preparada com minúcia amorosa (...)" (Candido, 1978, p. 45). Este objetivo vai enformar o romance, cuja estrutura reflete a antítese básica, cidade versus serras: temos uma primeira parte que retrata a vida de Jacinto em Paris; um *intermezzo*, a viagem "bárbara e desconfortável" (na concepção do Jacinto parisiense), que será um verdadeiro ritual de passagem da vida complexa da cidade à vida simples do campo, em que Jacinto perde as suas trinta e duas malas atulhadas de civilização e chega à estação de Tormes "sem lenço e sem documento"; e, finalmente, a última parte, mostrando a vida de Jacinto em Tormes, onde encontra a verdadeira "grã-ventura".

Porém, não podemos nos deixar cegar por este contraste tão evidente e julgar que já temos o significado total do livro. Parece-nos que uma leitura mais ampla deve transcender o "bucolismo esquemático", apontado por Cândido. Para tanto, devemos estar atentos às "pequenas insinuações" do homem de Guiães e aos vínculos que o narrador-testemunha cuidadosamente estabelece conosco, seus leitores. Graças a estes liames,

nós somos aqueles que sabem muito mais sobre os reais sentimentos de Zé Fernandes em relação a Jacinto, do que o próprio Jacinto. Sutilmente, Zé Fernandes nos elege como confidentes: ele pisca para nós da página. (Coleman, 1980, p. 279)

Estas insinuações, esta cumplicidade entre narrador e leitor vão gerar uma discrepância entre o que Zé Fernandes afirma e o que sugere nas entrelinhas. A percepção dessa discordância depende, todavia, da perspicácia do leitor. Neste sentido, escreve Coleman:

Evidentemente, sempre haverá algum grau de discrepância entre as intenções aparentes de um romance e o modo pelo qual ele evolui dinamicamente, à medida que o próprio texto progride. Pode-se dizer que A Cidade e as Serras é um texto incomumente subversivo neste sentido, uma vez que a narrativa destrói quaisquer teses simplistas que os leitores possam ser impelidos a estruturar a partir do texto. Seria melhor dizer que a narrativa "deveria" destruir tais teses simplistas, pois é visível que, ao longo dos anos, ela não o fez. Em verdade, o livro não contém os contrastes grosseiros que a maioria tem apontado. (Coleman, 1980, p. 281-2)

A nossa leitura vai buscar o significado último por detrás desse jogo entre intenções profundas do narrador, entre o que diz e o que sugere cautelosamente (ou não), entre o que revela e o que oculta e, também, entre o discurso do narrador apologista das serras e as ações do personagem que vive regaladamente a cidade. Falando noutros termos, voltar-me-ei para a tensão que se estabelece na relação dialética entre narrativa e discurso⁴ e, num nível mais profundo, para as intenções do autor implícito, ao construir o romance da forma como se apresenta.

Desejamos, com este trabalho, ajudar *A Cidade e as Serras* a "destruir" as interpretações simplistas de que tem sido vítima.

Façamos um parêntese para discutir as primeiras páginas do livro, importantes por serem o primeiro contato entre o leitor e o universo diegético. No primeiro capítulo, Zé Fernandes descreve os ascendentes de Jacinto com uma crueza, no mínimo, curiosa. D. Galião, o avô, era um "nédio" senhor "gordíssimo e riquíssimo" que rebojava sua gordura pelas escadas, e que morreu de indigestão (Queiroz, s.d., p. 9-10). D. Angelina Fafes, a avó, (que Zé Fernandes conheceu "obesa e com barba"), é retratada como uma beata supersticiosa e boçal: "nas costas da Cantábria o paquete encontrou tão rijos mares que a senhora

⁴ Discurso é aqui utilizado no sentido genettiano de texto narrativo em si mesmo (cf. Aguiar e Silva, 1976, p. 284).

D. Angelina, enguedelhada, de joelhos na enxerga do beliche, prometeu ao Senhor dos Passos de Alcântara uma coroa de espinhos, de ouro, com as gotas de sangue em rubis do Pegu" (p. 9-10). O pai doentio, Cintinho, era a "sombra" e a mãe era "redondinha como uma rola" (p. 10).

Essas palavras iniciais nos alertam que a narração dos feitos de Jacinto não será feita num tom laudatório. A sua condição de testemunha faz com que Zé Fernandes se restrinja basicamente à narração dos fatos presenciados. Assim, suas ausências do 202 representam saltos na narrativa dos atos de Jacinto, que são expressos por resumos, isto é, por rápidas recapitulações das experiências vividas por Zé Fernandes longe do seu Príncipe.

Por exemplo, ausenta-se ao fazer uma "romagem" pela Europa, durante a qual gasta seis mil francos. Quando retorna, encontra Jacinto "como um morto", num completo tédio da existência, pensando vagamente no suicídio.

As ausências de Zé Fernandes correspondem à percepção de mudanças em Jacinto - servem para ressaltar estas mudanças, torná-las bem visíveis (quase que com a intenção de nos surpreender), o que não seria possível fazer através de um contato continuado entre Zé Fernandes e Jacinto.

Na literatura universal temos outros exemplos de narradores-testemunha, alguns famosos como o auxiliar de Sherlock Holmes, Watson (ambos criações imortais de Sir Conan Doyle), e o amigo do detetive Auguste Dupin, no conto "A Carta Roubada" de Edgar Allan Poe. Estes narradores nos acompanham lado a lado, isto é, nos mesmos limites de perspectiva, no esforço de decifrar o processo de raciocínio dos inteligentes detetives (Moraes Leite, 1985, p. 39-40).

Entretanto, Zé Fernandes não segue esta tradição. Como veremos ao longo do trabalho, este narrador não está interessado nas superiores aptidões do protagonista. Pelo contrário.

Além de *A Cidade e as Serras*, outras obras de Eça de Queiroz apresentam narradores homodiegéticos. São elas: *O Conde de Abranhos* e *A Correspondência de Fradique Mendes*. O amigo de Fradique, não obstante sua admiração e apreço pelas capacidades intelectuais do camarada, não deixa de ter sempre uma perspectiva crítica, comedida e independente.

Tal sagacidade não verificamos em Z. Zagalo, o mediocre e

indiscreto laçao do Conde de Abranhos, que se propõe escrever a biografia do finado senhor para legar aos pósteros "um monumento espiritual" digno da sua grandeza. Porém, a estupidez de Z. Zagalo não permite que perceba que sua narrativa vai estampando aos olhos dos leitores o quanto o Conde de Abranhos era mediocre, egoísta, desumano, venal, etc. Esse trabalho de Eça, infelizmente, vai se comprometer pela falta de sutileza, o que leva Antonio Candido a chamá-lo "chanchada sem valor" (Candido, 1978, p. 37).

Em *A Cidade e as Serras*, Eça corrige esse aspecto de rude esboço, diluindo a tal ponto os traços caricaturais, *que parte da crítica não os notou*. Além disso, aproveita também o distanciamento crítico do amigo de Fradique para criar Zé Fernandes, às vezes tolo como Z. Zagalo, às vezes arguto como o amigo de Fradique Mendes.

O distanciamento crítico de Zé Fernandes é favorecido pelo tempo da enunciação que, como podemos verificar no capítulo 15, é cinco anos depois do casamento de Jacinto e Joaninha, quando estes já têm filhos e o ex-parisiense já está integrado à vida serrana. Zé Fernandes vai, portanto, narrar quase todo o tempo retrospectivamente, isto é, *a posteriori* em relação aos fatos narrados. Precisamos dar importância à distância temporal entre o eu narrador e o eu narrado. É possível que o narrador se utilize deste distanciamento para sugerir aos leitores que não compartilhava dos credos de seu *Príncipe*, que era antes um amante das serras do que um seduzido pela "civilização" e que não se deixava influenciar pelo culto à cidade. Estas sugestões são feitas por aquele que provaria mais tarde a fragilidade do edifício ideológico de Jacinto - e, a nós leitores, só restam dois caminhos: ou acreditar na sinceridade do narrador (o que vai conduzir a determinadas leituras do romance) ou duvidar (o que nossa leitura pretende), contrastando o discurso do narrador com as ações do personagem Zé Fernandes.

Quando Jacinto reflete que Renan seria mais feliz que seu laçao, o Grilo, pela "incansável acumulação de noções", Zé Fernandes registra:

Não me parecia irrecusavelmente certo que Renan fosse mais feliz que o Grilo (...). Mas concordei, porque sou bom, e nunca desalojarei um espírito do conceito onde ele encontra segurança, disciplina e motivo de energia. (p. 13)

Podemos inferir daí que, se Zé Fernandes assim o desejasse, poderia, então, "desalojar" Jacinto do conceito que lhe dava segurança. Num dos primeiros passeios de Jacinto e Zé Fernandes, depois do retorno deste a Paris, o narrador nos revela:

Com espanto (mesmo com dor, porque sou bom, e sempre me entristece o desmoronar de uma crença) descobri (...) que o denso formigueiro humano sobre o asfalto, e a torrente sombria dos trens sobre o macadame, afligiam o meu amigo (...). (p. 24)

Sua expressão "desmoronar de uma crença" anuncia-nos que o amor de Jacinto pela cidade está em processo de desvanecimento, o qual se completa na primeira parte do livro. A cada "catástrofe" no 202 (inundação, *black-out*, etc.) Zé Fernandes faz saudosas evocações de sua terra natal, onde tais problemas, segundo ele, não se verificam. Compõe, assim, como podemos verificar no extrato abaixo, o contraste entre cidade e serras.

(...) o jacto de água a ferver rebentou furiosamente, fumegando e silvando.

(...)

(...) E eu, com rancor, pensava que na minha Guiães a água aquecia em seguras panelas (...). (p. 26)

Mesmo sem ter acesso ao que pensava *realmente* Zé Fernandes, podemos dizer que os exemplos acima servem para comprovar que, desde o início da narrativa, ele se anuncia como detentor de uma outra ideologia, provavelmente "superior" à de Jacinto, ideologia esta que está sendo, ao menos pelas aparências, exaltada pelo romance como um todo.

Zé Fernandes, aproveitando-se do seu prévio conhecimento dos fatos, espalha indícios que antecipam ou fingem antecipar acontecimentos que serão narrados posteriormente. Estes indícios são chamados, respectivamente, de prolepses e falsas prolepses. Vejamos dois exemplos:

Nem este meu supercivilizado amigo compreendia que longe de armazéns servidos por três mil caixeiros; e de mercados

onde se despejam os vergéis e lezírias de trinta províncias; e de bancos em que retine o ouro universal (...) - o homem do século XIX pudesse saborear, plenamente, a delícia de viver! (p. 13)

Agora (...), na convivência de um tão grande iniciado como Jacinto, eu compreenderia todas as finuras e todos os poderes da civilização.

E (...) contemplaria a raridade de um homem que, concebendo uma idéia da vida, a realiza - e através dela e por ela recolhe a felicidade perfeita. (p. 21)

No primeiro exemplo, uma prolepse, Zé Fernandes já conhecedor das mutações de Jacinto, contesta a fé original do seu amigo na felicidade urbana, anunciando a possibilidade de uma outra que não define em termos absolutos. Mas, se é longe de tudo o que caracteriza a cidade para Jacinto, esse estado de felicidade é de natureza não-urbana.

Na falsa prolepse, o narrador, que já conhece o malogro de tal veleidade, ironiza Jacinto, que acredita ainda na eficiência da sua "fórmula da felicidade", cuja inocuidade a narrativa parece querer comprovar.

Passemos agora a uma análise do modo que Zé Fernandes, enquanto narrador, configura o espaço. Vamos considerar primeiramente os espaços abertos.

Zé Fernandes, para ser bem sucedido na sua intenção de exaltar a vida nas serras, pinta Paris com as piores cores (e esta minha expressão estereotipada pode até ser tomada em sentido próximo à denotação), como podemos notar no exemplo abaixo, em que Zé Fernandes fala das suas impressões de Paris durante um passeio com Jacinto. (Note também o uso expressivo do diminutivo em "cortininhas", que nos faz pensar em vidas mesquinhas e fúteis. Este recurso estilístico, marca registrada de Eça de Queiroz, vai aparecer nos próximos exemplos em "canaizinhos" e "fidalgote".)

(...) penetramos nos centros de Paris, nas ruas longas, nas milhas de casario, todo de calíça parda, eríçado de chaminés de lata negra, com as janelas sempre fechadas, as cortininhas

*sempre corridas, abafando, escondendo a vida. (p. 24)*⁵

A cor cinza, com todas as conotações que se lhe possa atribuir - opacidade, mediocridade, melancolia, penumbra, ausência de contornos - marca as descrições de Paris, símbolo da Cidade (Medina, 1974).

Aí estava pois a cidade, augusta criação da humanidade! (...) Sobre a crosta cinzenta da terra - uma camada de calça, apenas mais cinzenta (...). E o 202, o soberto 202 (...)? Sumido, esvaído na confusão de telha e cinza (...) onde estão os teus armazéns servidos por três mil caixeiros? E os bancos em que retine o ouro universal? Tudo se fundiu numa nódoa parda que suja a terra. (p. 48)

Curioso é que o narrador, que durante todo o romance coloca-se como um apologista do campo, vê o campo francês, durante a última viagem a Paris, com a mesma lente cinzenta, como mostra o exemplo abaixo:

Dos dois lados do comboio era a longa planície monótona, sem variedade, muito miudamente cultivada, muito miudamente retalhada, de um verde de resedá, verde-cinzento e apagado, onde nenhum lampejo, nem tom alegre de flor, nem acidente do solo, desmanchavam a mediocridade discreta e ordeira. Pálidos choupos, em renques pautados e finos, bordavam canaizinhos muito direitos e claros. Os casais, todos da mesma cor pardacenta, mal se elevavam do solo; mal se destacavam da verdura desbotada, como encolhidos na sua mediocridade e cautela. (p. 125)

Isso nos leva a considerar, sob certos aspectos, *A Cidade e as Serras* um romance patriótico (até mesmo chauvinista), que exalta apenas as belezas portuguesas.

Uma referência nostálgica a Portugal ocorre através de uma instigante identificação de Jacinto com Portugal: músicos ciganos, ao verem Jacinto, "tocaram o Hino da Carta com paixão, com langor, numa

⁵ A partir desta, as citações de *A Cidade e as Serras* serão frequentemente grifadas. Alertaremos oportunamente o leitor quanto aos destaques efetuados pelo próprio Eça.

cadência de xarda dolorosa e áspera" (p. 53).

O mesmo hino, símbolo de Portugal, foi cantarolado por Zé Fernandes ao receber Jacinto no dia do seu aniversário em Guiães.

Outra associação entre Portugal e Jacinto, desta vez não explícita, é feita durante a viagem a Tormes, quando Jacinto indaga a Zé Fernandes sobre um casarão português avistado pela janela do comboio. A resposta indiferente de Zé Fernandes: "Algum solar de fidalgo de Douro... Tormes era nesse feitio atarracado e maciço. Casa de séculos e para séculos" (p. 72). Tormes, colocada em relação paradigmática com um solar da aristocracia portuguesa, sugere Jacinto como um símbolo desta classe.

O exilado Jacinto retorna à terra-mãe, de que se afastara seduzido pelas cintilações do parisiense. E, se insistirmos nesta linha de leitura, consideraremos o romance como uma exortação para que os portugueses abandonem o francesismo, dominante no Portugal do liberalismo, para retomarem as sãs tradições portuguesas.

Portugal, contraste vivo de Paris, é marcado pela claridade e o azul:

Em todo o torrão, de cada fenda, brotavam flores silvestres. Brancas rochas, pelas encostas, alastravam a sólida nudez do seu ventre polido pelo vento e pelo sol (...). Por toda a parte a água sussurrante, a água fecundante ... (...). O ar fino e puro entrava na alma, e na alma espalhava alegria e força. (p. 74)

Quanto aos espaços fechados, devemos notar a natureza "abafada" do 202, em que os livros tapavam as janelas impedindo a entrada da luz do sol. A parafernália mecânica, a mobília luxuosa e complicada e a grande quantidade de aparelhos deixam pouco espaço para os personagens respirarem ou se movimentarem (daí a apatia de Jacinto?). Muitas vezes, os objetos chamam a atenção para si, influenciando no desenrolar da história (luzes que falham, torneiras que dessoldam, elevadores que enguiçam). Os personagens têm que disputar espaço aos objetos - como Zé Fernandes, que precisava retirar livros da cama para poder dormir; como Jacinto, que devia todas as manhãs se submeter às suas trinta e duas escovas e quatro toalhas.

A casa senhorial de Tormes, ao contrário, era aberta, ventilada, fresca, parcamente mobiliada, onde Jacinto dava "largas passadas" e

sentia-se em comunhão como o universo. Esse espaço é que vai dar a tranquilidade e a paz que Jacinto precisava para "ler um livro" e sonhar.

Como vimos anteriormente, o narrador Zé Fernandes descreve depreciativamente os pais e avós de Jacinto. Fará o mesmo com outras personagens. Seguindo a sua diretriz básica de "demolir" a cidade, o homem de Guiães descreve os personagens citadinos com um sarcasmo corrosivo.

Um exemplo é Mme. Oriol que, na opinião do narrador, devia ter pó-de-arroz no cérebro, porque este cosmético lhe cobria a testa desde o colégio. Os verbos *dicendi* associados a essa personagem são palrar, chalar, trilar, que dão, indubitavelmente, ares de inconseqüência, superficialidade, boçalidade, a essa amante de um trintanário.

Durante o jantar em homenagem ao grão-duque, Zé Fernandes concentra toda a sua virulência contra um grupo de personagens parisienses. Ao desistir do peixe raro da Damácia, encalhado no elevador de pratos quentes "(...) o elegante bando refluíu sofregamente pra a mesa (...) " (p. 39). "Elegante" está em gritante contraste com "bando" e "sofregamente", gerando uma imagem grotesca, em que as pessoas se assemelham a um grupo de animais correndo para a ração.

Porém, as diatribes não se restringem aos personagens urbanos: nas serras vamos encontrar Melchior com sua "nédia face de abade" (p. 77), falando ao seu senhor por meio de temerosos diminutivos (jantarinho, enxergazinhas etc.), cuja pronúncia não-padrão nosso narrador faz questão de marcar: dizia "suas incelências" (p. 79).

Flagramos Silvério, o procurador de Jacinto, vestido com um "espantoso jaquetão de *veludilho* amarelo *debruado de seda azul*" (p. 90), morando aos "Ninhos" com camas de ferro e lavatórios (p. 77), e muito impaciente por convencer Jacinto a deixar Tormes, para que possa retornar à "doce pachorra da sua administração" (p. 95). As roupas caras, a casa com confortos que o casarão senhorial não possuía e o desejo de solidão deixam implícito que Silvério enriquecia às custas de Tormes.

Esses empregados lamentáveis são postos em Tormes para demonstrar o estado de abandono em que viviam as propriedades dos portugueses seduzidos pela cidade e a rapina efetuada pelos procuradores. Essa crítica, aparentemente, reforça a interpretação desse romance como crítica ao francesismo.

E, na seqüência do contraponto entre os defeitos da cidade e as vantagens do campo, encontramos na Flor da Malva a pura e maternal Joanhinha (que tinha qualidades dignas da Virgem Maria, cf. p. 118), que se opõe, diametralmente, a outra Joana, Mme. Oriol, que é inconseqüente e dissoluta, símbolo de todas as outras mulheres parisienses, falsas, artificiais, devassas.

Quanto a Jacinto, Zé Fernandes considera-o egoísta, "sem coração bastante forte para conceber um amor forte" (p. 11). Este egoísmo, como bem apontou Alexander Coleman (1980, p. 278- 80), não desaparece em Tormes, pois as reformas nas casas e rendas dos colonos não foram feitas por caridade ou solidariedade, mas apenas para expulsar a miséria do campo visual de Jacinto, como podemos inferir do que este diz ao descobrir a miséria serrana: " - Haver por aí, *à vista da minha casa*, outras casas onde crianças têm fome! É horrível..." (p. 105).

Para descrever a inteligência de Jacinto, o narrador utiliza uma imagem que os críticos consideraram o símbolo de sua excelência: "(...) a sua inteligência, nos anos alegres de escolas e controvérsias, circulava dentro das filosofias mais densas como enguia lustrosa na água limpa de uma tanque" (p. 11). Queremos ressaltar que esta mesma imagem pode simbolizar a futilidade de nosso quase-herói, porque "circular como enguia lustrosa", isto é, com rapidez, não me parece o modo mais adequado de se trabalhar "filosofias densas". Além disso, o narrador já havia dito que Jacinto só se interessava por "compreender bem as idéias gerais" (p. 11).

Nas descrições físicas, Jacinto, que tem nome de planta, é sempre comparado a vegetais, como neste exemplo, quando Jacinto já está instalado em Tormes:

(...) o comparei a uma planta estiolada, emurchecida na escuridão, entre tapetes e sedas, que levada para vento e sol, profusamente regada, reverdece, desabrocha e honra a natureza! (p. 84)

Essas comparações têm dupla intenção. Primeira: sugerir uma ligação profunda e vital entre Jacinto e a natureza ou, melhor, a terra-mãe nutridora. Segunda: irônica, porque Jacinto tem a imobilidade, o "far niente" de um vegetal.

Jacinto estava tão integrado à cidade e à civilização por ela representada, que, ao passear pela "bem sociável floresta de Montmorency" (p. 14), sentia-se ameaçado pela natureza: "toda a relva, por mais crestada, lhe parecia ressumar uma umidade mortal. De sob cada torrão, da sombra de cada pedra, receava o assalto de lacraus, de víboras, de formas rastejantes e viscosas" (p. 14). Zé Fernandes considera este pânico burlesco, digno de riso: "Oh delicias de entremez, Jacinto entre a natureza!" (p. 14). Jacinto possui, então, "olhos rutilantes de fanático".

Zé Fernandes, muitas vezes, mostra Jacinto completamente vaidoso, passando "pelos sobre seu pelo durante quatorze minutos" (p. 22), durante uma *toilette* complicadíssima. Jacinto, retomando a tradição do personagem queiroziano, tem uma vida fútil e ociosa, como Zé Fernandes faz questão de revelar ao ler a agenda de Jacinto no capítulo 3.

Zé Fernandes também insiste em ressaltar o pouco interesse de Jacinto pelas mulheres. Jacinto não sabia que cor tinha, dos ombros para baixo, a *cocotte* que ele sustentava com outros homens. Quando, no jantar em homenagem ao grão-duque, "curiosidades flamejantes" despiam Mme Oriol, "a face vincada de Jacinto pendia para o prato vazio" (p. 37). Ao visitar Mme. Oriol, insistia na companhia de Zé Fernandes (maneira estranha de se encontrar amantes...) e se impacientava por sair logo: "(...) no beijo que ele chuchurreava sobre a mão da sua doce amiga, para se despedir, havia sempre alacridade e alívio" (p. 55).

A partir do capítulo 2, Jacinto vai estar sempre bocejando, cansado, desanimado, entediado. Começa, gradativamente, a emagrecer e corcovar. De tais alterações, só temos o testemunho de Zé Fernandes. Devemos dar crédito às percepções totalmente subjetivas do narrador empenhado em provar a supremacia das serras sobre a cidade? Estamos à mercê da focalização interna. O simples gesto de passar a mão pela face é traduzido como "correr com os dedos desalentados a face pendida para nela palpar e apetecer a caveira" (p. 57).

As descrições depreciativas feitas por Zé Fernandes, importantes para a afirmação da sua tese, acabam descambando para o sarcasmo puro e simples: "assim viera findar, desfeita em civilização, naquele *super-requintado magricela sem músculo e sem energia*, a raça fortíssima dos Jacintos" (p. 63). A degradação física está na razão direta

da degradação da ideologia.

Quando, enfim, Jacinto se muda para Tormes, esperamos mudanças no julgamento de Zé Fernandes, pois agora o ex-parisiense, que "já não deslizava a mão desencantada sobre a face, - mas batia com ela triunfalmente na coxa" (p. 84), era um Jacinto "novíssimo", que deve se aproximar paulatinamente do mesmo enfoque ideológico de Zé Fernandes.

Porém, Zé Fernandes denuncia Jacinto como um ingênuo: a sua paixão repentina pelas serras tem todas as características de um sentimento irrefletido e pueril. Os discursos, os entusiasmos e os arrebatamentos de Jacinto provocavam sorrisos em Zé Fernandes: "tudo isto era decerto rebuscado e especioso" (p. 88).

Jacinto, então, resolve passar da contemplação à ação e, aos olhos de Zé Fernandes, se torna ainda mais ridículo, na sua ignorância da vida rural. Jacinto quer, por exemplo, construir um pombal "tão povoado que todo o céu de Tormes às tardes se tornaria branco e todo fremente de asas" (p. 98).

Quando Jacinto lhe expõe seu plano de criar vacas leiteiras, Zé Fernandes se surpreende, pois ainda considerava seu *Príncipe* um parisiense: "imaginava eu que ele apetecia em Tormes o ornato elegante de veados e pavões" (p. 94). Ainda chama este projeto de "patuscada bucólica" (p. 95).

E, se em Paris Zé Fernandes era crítico mais do que pensava só para si do que pelo que dizia para Jacinto (Ramos, 1945, p. 196), em Tormes coloca abertamente o que pensa, mesmo que isso desagrade Jacinto. Por exemplo, quando Jacinto ficava extasiado com as belezas da Serra e reclamava a mesma emoção de Zé Fernandes, este respondia: "- Meu filho, olha que eu não passo de um pequeno proprietário. Para mim não se trata de saber se a terra é *linda*, mas se a terra é *boa*" (p. 97, grifos do autor).

Esse quixotesco Jacinto pára em certos lugares da propriedade apenas para gozar da quietação. E fica numa saleta que dá para o pomar para escutar por longo tempo os rouxinóis do laranjal (p. 100).

Resta-nos perguntar por que Zé Fernandes é sempre irônico e/ou sarcástico no seu testemunho da vida de Jacinto, mesmo após este haver se convertido às "delícias rurais"?

Uma das respostas possíveis é a de Maria Lúcia Lepecki (apud Coleman, 1980, p. 276), que leu *A Cidade e as Serras* atenta às ironias

de Eça transmitidas através de seu narrador, Zé Fernandes. É uma leitura que recupera o caráter ambíguo do romance e que foge ao jogo simples de contrastes, e meu trabalho antes a corrobora do que a contradiz. Resumindo-a em poucas palavras: a volta ao campo não gera nenhuma modificação ou alteração profundas no protagonista Jacinto.

Alexander Coleman faz uma leitura interessante do romance, partindo das considerações de Lepecki:

(...) pode-se dizer que Jacinto é e permanecerá um iludido, esteja em Paris ou em Tormes - um enganado, desiludido, uma vítima do seu próprio ego, subjetivismo e auto-piedade. O abismo entre Jacinto e o mundo é completo, uma vez que ele é incapaz de dinamismo mental e não possui o espírito crítico que é necessário para compreender o mundo tal como é; além disso, é incapaz de um simples compartilhamento humanitário. A fome que ele finalmente descobre ao redor de Tormes é aliviada mais por razões estéticas do que qualquer outra coisa; Joaquina passa a fazer parte da vida de Jacinto por razões semelhantes - externas e superficiais em ambos os casos. Se Schopenhauer lhe proporcionou alguma justificativa ao tedium vitae que experimentara em Paris, é certamente significativa que as leituras de Jacinto em Tormes incluam Vergílio (como uma fonte de conhecimento prático do campo!) e D. Quixote (como um manual para as suas próprias maluquices). (Coleman, 1980, p. 280-1)

Ao contrário de Jacinto, Zé Fernandes é, dos personagens de *A Cidade e as Serras*, o mais multifacetado e surpreendente; possui uma complexa estrutura psicológica. Até mesmo João Gaspar Simões reconhece que, nesse romance, "a única figura com nervo e vida é Zé Fernandes" (1945, p. 627). Eis algumas das faces desse interessante personagem:

a) Foi indiscreto e desleal para com seu *Príncipe*, ao apanhar a sua agenda para se inteirar do seu cotidiano.

b) Foi impetuoso e violento ao "esborrachar a cara sórdida" do doutor Pais Pita, em Portugal, e socar o garoto que conturbava a aula na Sorbona, em Paris. Possuía mesmo algo de irascível: "(...) perdera o colete de baile e só depois de uma busca furiosa e praguejada o

encontrei caído por detrás da cama!" (p. 30). Essa energia é que vai retirar Jacinto da sua inércia, dos sofás onde se enterrava, quando lhe diz:

- Acorda, homem! Vamos pra Tormes! O casarão deve estar pronto, a reluzir, a abarrotar de coisas! Os ossos de teus avós pedem repouso, em cova sua!... A caminho, a enterrar esses mortos, e a vivermos nós, os vivos!... Irra! São cinco de abril!... É o bom tempo da serra! (p. 66)

3) Tinha uma "grossa palma serrana" que contrastava terrivelmente com a "mão ilustre, rutilante de anéis" do psicólogo feminista (p. 31).

A sua alma pura e simples de homem do campo não permitiu que Zé Fernandes se sentisse bem durante o jantar em homenagem ao grão-duque, em que se reunia o que havia de mais refinado e sofisticado na sociedade parisiense. O homem de Guiães confessa: "(...) eu, encalhado contra o piano, esfregava lentamente as mãos, amassando o meu embaraço (...)" (p. 34).

Enquanto todos os outros convidados estão ligados ao telefone, Zé Fernandes fica isolado e, ao tentar dar um passo para desentorpecer, o severo grão-duque exige sua imobilidade.

Quando duque Marizac aponta o defeito fundamental da obra do psicólogo feminista, *A Couraça*, na qual a protagonista, uma duquesa, usava um equivocado e inexplicável colete de cetim preto, Zé Fernandes resolve dar sua opinião:

(...) para que me não julgassem alheio às coisas dos adultérios ducais e do luxo, acudi, metendo os dedos pelo cabelo:

- Realmente, preto, só se estivesse de luto pesado, pelo pai! (p. 32)

Tal opinião é uma besteira explícita, que com o pretenso gesto "elegante" de passar a mão pelo cabelo, gera um efeito hilariante.

Essa inadaptação pode se prestar muito bem às suas intenções básicas, por contrastar a "pureza" de um homem do campo - "(...) o pródigo Zé Fernandes, simples e bom fidalgo de serra acima, de gostos chãos e necessidades modestas" (Candido, 1978, p. 46) - com as

malícias e complexidades da vida citadina.

Porém, os arremedos de *gauche* continuam, surpreendentemente, em Guiães, onde Zé Fernandes está em meio aos seus iguais. Durante seu aniversário, suas tentativas de animar a festa são ridículas e inadequadas, e, quando as coisas tomam um rumo satisfatório e espontâneo, interfere para gerar desconforto e mal-estar nos convidados. A sua descrição das magnificências e esplendores do jantar em homenagem ao grão-duque e das complexidades do 202 provoca esta exclamação reprovadora da sua tia Vicência: "- Oh! filho, que coisas!" (p. 114).

Essa amplitude de aspectos da personalidade de Zé Fernandes vai torná-lo muito mais "humano" que seu *Príncipe*, que é sempre o mesmo tedioso do começo ao fim. Vai, também, por outro lado, como veremos a seguir, comprometer a perfeita comprovação da tese que o "paraíso serrano" é superior à cidade, "forma eufemística do Hades" (Torres, 1976, p. 23).

Um dos aspectos mais interessantes da personalidade de Zé Fernandes é a sua sensualidade. Durante uma visita de Mme. Oriol a Jacinto, Zé Fernandes fica perturbado, ansioso por chamar a atenção para si:

(...) corri vivamente à antecâmara, verificar diante do espelho o meu penteado e o nó da minha gravata. Depois recolhi à sala de jantar, e junto da janela, folheando languidamente a Revista do Século XIX, tomei uma atitude de elegância e de alta cultura". (p. 28)

O próprio Zé Fernandes nos diz que sua "romagem" às cidades da Europa sempre fora retardada "pelas surpresas do mundo e da carne" (p. 54).

Não casualmente, portanto, sua partida de Paris para a trasladação dos ossos dos Jacintos faz com que guarde na mala, "(...) embrulhadas em papel pardo, as fotografias das criaturinhas suaves que lhe haviam chamado de *mon petit chou! Mon rat cheri!*" (p. 66).

Uma destas paixões vai influir no seu testemunho dos feitos de Jacinto, mantendo-o, como já vimos, afastado do seu príncipe durante sete semanas. Foi uma paixão repentina: ao ver uma mulher na rua, que

conheceremos mais tarde como Mme. Colombo, sente um "repuxão nas entranhas". Foi uma paixão intensa, em que perdeu a sensação de "descontinuidade" existente entre os seres humanos:

Durante sete furiosas semanas perdi a consciência da minha personalidade de Zé Fernandes - Fernandes de Noronha e Sande, de Guiães! Ora se me afigurava ser um pedaço de cera que se derretia, com horrenda delícia, num forno rubro e rugidor; ora me parecia ser uma faminta fogueira onde flamejara, estalara e se consumia um molho de galhos secos. (p. 43)

Porém, Zé Fernandes vai trocar este envolvimento completo, que lhe consome uma fortuna em dinheiro, por ódio, tomando a postura de um moralista convicto, um Catão, ao saber que "a porca fugira com outra" (p. 43). Classifica, então, essa paixão como doença: "seção de carne, seção da imaginação, apanhada num charco de Paris (...)" (p. 45).

A sensualidade de Zé Fernandes é, na minha opinião, a grande responsável pela sua estada em Paris - e não a sua amizade a Jacinto, como sugere o narrador. Se acaso os exemplos que já apresentei não convencerem, deixemos Zé Fernandes nos confessar os motivos que o levam a Paris pela última vez, quando já estava provado, para nós leitores, que a "suprema felicidade" só era possível nas serras.

Eu andava (...) sofrendo de desocupação. (...) Uma certa Ana Vaqueira, corada e bem feita, viúva, que sortia as necessidades do meu coração, partira com o irmão para o Brasil (...). Desde o inverno, sentia também no corpo um começo de ferrugem, que o emperrava (...). Depois minha égua morreu. Parti (...) para Paris. (p. 124)

Zé Fernandes é, tal como Jacinto, seduzido por Paris, mas de uma outra forma, pelas mulheres parisienses. Nessa última viagem, em que deprecia totalmente Paris, Zé Fernandes confessa:

Ao passar na Madalena, diante da estação dos ônibus, pensei: Que será feito de Madame Colombo? E, oh miséria! Pelo meu miserável ser subiu uma curta e quente baforada de desejo

bruto por aquela besta suja e magra! (p. 127)

A não ser essa sensualidade, nenhuma outra razão justifica que o nosso narrador, que se empenhara durante tanto tempo em provar a supremacia das serras sobre a cidade e que, aparentemente, fora bem sucedido, nos atraísse, a nós, leitores, e voltasse correndo a Paris, ávido de "divertimentos". Seus últimos ataques àquela cidade já soam completamente falsos, artificiais - o que o próprio narrador reconhece neste exemplo:

*(...) pouco a pouco as mesmas exagerações de Jacinto
perante a natureza me invadiam perante a cidade.
Aquele Boulevard resumava para mim um bafo mortal,
extraído dos seus milhões de micróbios. De cada porta me
parecia sair um ardil para me roubar. Em cada face avistada
à portinhola de um fiacre, suspeitava um bandido em
manobra. Todas as mulheres me pareciam caídas como
sepulcros, tendo só podridão por dentro. E considerava de
uma melancolia funambulesca as formas de toda aquela
multidão, a sua pressa áspera e vã, a afetação das atitudes, as
imensas plumas dos peitos alteados, o dorso redondo dos
velhos olhando as imagens obscenas das vitrinas. Ah! Tudo
isto era pueril, quase cômico da minha parte, mas é o que eu
sentia no Boulevard (...). (p. 126-7)*

Mais do que para encerrar bem conclusivamente a tese de Zé Fernandes, essa última viagem a Paris chama a nossa atenção para as hipocrisias, malícias e contradições do "puro" homem de Guiães.

Assim, a "falta de sinceridade" de *A Cidade e as Serras*, que tanto irritou João Gaspar Simões, deve, na minha opinião, ser atribuída não ao livro como um todo, mas ao discurso do narrador. De fato, o nosso sensual Zé Fernandes se revela, desde o início, capaz de cinismo e/ou ironia ao responder à convocação do seu "bom" tio Afonso Fernandes, que precisava de braços fortes na lavoura.

Encostado no mármore do fogão, onde na véspera a minha Nini deixara um espartilho embrulhado no Jornal dos Debates, censurei severamente meu tio que assim cortava em

botão, antes de desabrochar, a flor do meu saber jurídico. (p. 15)

O circunspecto Jornal dos Debates, que deveria ser lido, serve para embrulhar roupas da amante. Assim, muito provavelmente, o tio Afonso não cortava a "flor do saber jurídico", mas o *laisser-aller* de um estudante endinheirado.

Esse é apenas um dos trechos que nos chamam a atenção para as ironias do narrador, que apesar do objetivo sério que a sua narração aparentemente possui, vai, como já vimos anteriormente, relativizar e dar pouca importância às suas próprias palavras.

O próprio Zé Fernandes vai chamar a atenção para o grau de artificialidade e falta de sinceridade do seu discurso de detrator da civilização, em contraste com seu comportamento de apreciador das boas coisas da cidade: "(...) *sorvendo o champagne coalhado em sorvete*, maldissemos o século, a civilização, todos os orgulhos da ciência!" (p. 39).

Mas o mais importante ponto de ironia do discurso de Zé Fernandes ocorre após o sermão nos cimos de Montmartre, no terraço da Basílica do Sacré-Coeur, então em construção, onde avista a cidade panoramicamente, e a ataca duramente, condenando a ambição, o egoísmo e a devassidão dos seres que nela habitam. Critica a exploração do homem pelo homem, por meio da qual uns são obrigados a passar fome e frio, para outros (como Jacinto e Zé Fernandes) comerem "morangos gelados em Champagne e avivados de um fio de éter!" (p. 50). Porém, devemos atentar para o fato de que este inflamado discurso ser introduzido desta forma: "então chasqueei risonhamente o *meu Príncipe!*" (p. 48, grifos do autor). Zé Fernandes nos revela que esse seu discurso é uma pastiche de outros:

(...) ante estas encanecidas e veneráveis invectivas, retumbadas pontualmente por todos os moralistas bucólicos, desde Hesíodo, através dos séculos - o meu Príncipe vergou a nuca dócil, como se elas brotassem, inesperadas e frescas, de uma revelação superior, naqueles cimos de Montmartre:

Sim, com efeito, a cidade... É talvez uma ilusão perversa!

Insisti logo, com abundância, puxando os punhos,

saboreando o meu fácil filosofar. (p. 49, grifos do autor).

Este discurso é apenas uma brincadeira com Jacinto. Depois de pronunciá-lo, aponta a improvisação e a falta de autenticidade de suas palavras: "ainda rondamos no terraço, espalhando pelo ar *outras idéias sólidas que no ar se desfaziam. (...) / - Estou com uma sede, Jacinto... Foi esta tremenda filosofia!*" (p. 51). Mais tarde, no jantar no 202, exclama: "- Pois venha agora para a minha sede esse vinhozinho gelado! grandemente o mereço, caramba, que superiormente filosofei!..." (p. 53).

Curioso é que este discurso foi interpretado pelos críticos como a prova conclusiva do empenho de Zé Fernandes em ser um crítico empedernido da vida desumana da cidade. Porém, não devemos deixar passar despercebido o seu tom piegas, hiperbólico e descompromissado, que o torna mais adequado para o palco de teatro burlesco, do que para palanques e púlpitos.

Ainda mais interessante é que o hábil crítico da situação social de Paris, da realidade de exploração e de miséria, não demonstra a mesma agudeza ao se deparar com as misérias da serra. Se a exclamação de Jacinto, ao saber que havia gente com fome na sua propriedade (" - Fome? (...) Há aqui gente com fome?" - p. 102) é compreensível, haja vista o grau de alienação deste senhor - a resposta de Zé Fernandes é surpreendentemente genérica e não toca nas "causas" da miséria.

- Homem! Está claro que há fome! Tu imaginavas talvez que o paraíso se tinha perpetuado aqui nas serras, sem trabalho e sem miséria... Em toda a parte há pobres; até na Austrália, nas minhas de ouro. Onde há trabalho há proletariado, seja em Paris, seja no Douro... (p. 102)

O homem tão arguto que havia concluído que a civilização só obteria seus regalos e pompas "se o Capital der ao trabalho, por cada arquejante esforço, uma migalha ratinhada" (p. 50), que dissera: "irremediável é, pois, que incessantemente a plebe sirva, a plebe pene! A sua esfalfada miséria é a condição do esplendor sereno da cidade" (p. 50) - não poderia silenciar sobre as causas da miséria dos camponeses. A razão destas reticências, na nossa opinião, é que um dos beneficiados pela miséria do camponês é ele próprio, representante do Capital. Isto

explica porque os olhos de Zé Fernandes, tão perspicazes na visualização dos males da civilização, viram apenas como "deliciosas para uma écogla" (p. 103) as "moradas da fome" (casebres miseráveis dos colonos).

Da mesma forma como após o discurso em Montmartre só pensava em beber um vinhozinho, agora, depois de constatar "in loco" as misérias da serra, diz para Jacinto "(...) nós vamos almoçar (...). O dia ainda vai estar lindo" (p. 104).

Isso tudo nos chama a atenção para não darmos demasiada importância às palavras do nosso narrador. O que afirma num momento vai desmentir logo depois. O que deveria ser dito seriamente, o é em tom de brincadeira e falácia - talvez cinismo.

Falaria seriamente ao responder a Jacinto, que lhe havia falado da necessidade de rezar padre-nossos aos seus avós então sepultados, desta forma: "- Não te aflijas Jacinto; peço à tia Vicência que reze por mim e por ti. É sempre a Tia Vicência que reza os meus padre-nossos" (p. 93)?

O mesmo homem - que se despedira definitivamente de Paris, da sua sujeira e devassidão, com essas palavras: "- Pois adeusinho, até nunca mais! Na lama do teu vício e na pocira da tua vaidade, outra vez, não me pilhas!" (p. 130) - compra na Estação de Orleães uma papelada "toda recheada de mulheres nuas, de historietas sujas, de parisianismo, de erotismo" (p. 131), levando, através dela, Paris para o campo.

Um dos aspectos mais evidentes do discurso de Zé Fernandes é a sua insistência em chamar Jacinto de "meu Príncipe". Segundo Maria Lúcia Lepecki, só na primeira parte do romance esse epíteto ocorre por volta de 103 vezes (Coleman, 1980, p. 279). "Príncipe", além das intenções sarcásticas a que serve, nos remete para o ato narrador produtivo, através do qual a diegese vai se construindo. Jacinto, como vimos, é definido de acordo com as intenções de Zé Fernandes, desde sua configuração física até a psicológica. Jacinto é o protagonista da história de Zé Fernandes: é o seu *príncipe*. O trecho abaixo, retirado de um diálogo entre Jacinto e Zé Fernandes, tem, na minha opinião, algo de pirandelliano: parece-me que o doador da narrativa conversa com seu protagonista sobre os rumos que devem ser dados à história.

- *E esta Tormes, Jacinto, esta tua reconciliação com a natureza, e o renunciamento às mentiras da civilização é uma*

linda história... Mas, caramba, faltam mulheres! (p. 106)

Jacinto é condicionado pela tese de Zé Fernandes como fora pela sua própria tese, a de que "o homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado". O bocejo entediado de Jacinto é o protesto do personagem encarcerado pelas paredes dessas teses.

Os personagens da fase realista de Eça também são condicionados por teses, raramente conseguem ter alguma profundidade psicológica: são os "títeres" ou "seres sem autonomia" apontados pela crítica. Neste sentido, é importante citar Antônio José Saraiva e Oscar Lopes:

De tal modo Eça comanda, a partir de um pensamento prévio, o jogo das cenas e personagens, que algumas destas chegam a parecer títeres sem autonomia (...). A ação (...) não se desenrola a partir da mola psicológica das personagens, como acontece em Stendhal e em Balzac. Em Eça a ação desenrola-se segundo esquemas de uma filosofia da sociedade portuguesa (...). (Saraiva e Lopes, 1989, p. 943)

Sob esse ponto de vista, um aspecto importante de *A Cidade e as Serras* é a liberdade exercida por Zé Fernandes, que é o único personagem que não se submete à rigidez da sua tese. Seu comportamento chega mesmo a comprometê-la. O narrador Zé Fernandes goza de uma liberdade e soberania que o narrador heterodiegético da fase realista não possuía, uma vez que era limitado pela tese do romance e pela sua própria visão "neutra".

Mas a liberdade de Zé Fernandes enquanto narrador está subordinada a outra maior: a do autor implícito, que é quem comanda realmente todos os elementos do romance: narrador, acontecimentos narrados, personagens, tempo, espaço, linguagem etc.

Sob essa perspectiva, tentemos compreender porque é Zé Fernandes o doador da narrativa. Com toda a sua subjetividade, impetuosidade e ironia, ele gera uma visão totalmente enviesada do universo diegético, o que o distancia do narrador flaubertiano ou zoliano, satirizado no romance, na figura do romancista psicológico que "(...) confessava modestamente que dissecara todas aquelas almas da *Couça* com 'algum cuidado' sobre documentos, sobre pedaços de vida

ainda quentes, ainda a sangrar..." (p. 31).

Eça de Queiroz dá muita importância ao espaço em seus romances, haja vista a influência deste elemento sobre Luisa e a responsabilidade dele em relação ao adultério. *A Cidade e as Serras* também é um romance de espaço - só que caricaturizado. Bastou transplantar Jacinto do lugar estéril em que sentia sede para as serras, onde a água vivificadora estava por toda parte, para que o "pinheiro das dunas" brotasse. Quanto ao micro-espaço, conhecemos a influência dos objetos sobre as ações dos personagens. Como vimos, em *A Cidade e as Serras* esta influência é levada ao paroxismo, com os objetos agindo em lugar dos personagens.

Na fase realista, Eça

(...) subalterniza a dinâmica essencial da exploração, isto é, a mola material, que tão profundamente se faz sentir nos destinos das personagens de Balzac. Pelo contrário, como acontece com Flaubert, Eça de Queiroz insiste nos problemas estritamente culturais, como a literatura e a educação (...).
(Saraiva e Lopes, 1989, p. 932)

Já em *A Cidade e as Serras*, os personagens debatem entre si a exploração, mas o que age sobre eles é o ócio e a auto-suficiência. As contradições e a ambigüidade do discurso de Zé Fernandes nos revelam uma nova visão queiroziana sobre a criação literária. A verossimilhança, entendida pelo realismo/naturalismo como "equivalência à realidade exterior" (responsável pela criação de personagens-tipo), começava, com *A Cidade e as Serras*, a ser encarada antes como uma questão de organização interna, de coerência. Certos personagens e situações de *A Cidade e as Serras* são inverossímeis. Mas inverossímil, na verdade, é submeter todo o universo diegético à comprovação de uma tese - como fez a fase realista de Eça de Queiroz; como faz, com todos os contornos da paródia, a narrativa de Zé Fernandes, que é, afinal, coerente na sua intenção satírica.

A Cidade e as Serras pode significar o abalo na crença do escritor realista na possibilidade de um romance rigoroso como uma monografia científica na retratação do real: é a palinódia do Eça da segunda fase. A hesitação em estabelecer a quantidade de livros da biblioteca de Jacinto (atribuída pela crítica a problemas de revisão) e o

discurso hiperbólico e piegas de Zé Fernandes podem ser entendidos como marcas de um narrador que redescobre e abusa da liberdade de narrar.

SIMÕES Jr., Alvaro S. "A Cidade e as Serras: the palinode of Eça de Queiroz - a study on point of view". MISCELÂNEA, Assis, 1:107-133, 1993.

ABSTRACT: We propose a new reading for the novel *A Cidade e as Serras*, by Eça de Queiroz, through the analysis of the point of view, which shows this work as a keen satire to Eça's second phase production.

KEYWORDS: Portuguese realism; *A Cidade e as Serras*; Eça de Queiroz; Point of View.

Referências bibliográficas

- CANDIDO, A. Entre Campo e Cidade. In: _____. *Tese e Antítese*. São Paulo: Ed. Nacional, 1978. p. 29-56.
- COLEMAN, A. The Temptations of Pastoral. In: _____. *Eça de Queirós and European Realism*. New York and London: N.Y.U. Press, 1980. p. 247-84.
- MEDINA, J. D. Jacinto em Ítaca. In: _____. *Eça político*. Lisboa: Seara Nova, 1974. p. 113-53.
- MORAES LEITE, L. C. *O Foco Narrativo (ou A Polêmica em Torno da Ilusão)*, 2 ed. São Paulo: Ática, 1985.
- QUEIROZ, E. *A Cidade e as Serras*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s.d.
- _____. *O Conde de Abranhos*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s.d.
- _____. *A Correspondência de Fradique Mendes*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s. d.
- _____. *A Ilustre Casa de Ramires*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s.d.
- _____. *O Primo Basílio*. São Paulo: Ática, 1987.
- RAMOS, F. A Equação Metafísica de Jacinto e a sua Inexatidão. In: _____. *Eça de Queiroz e os seus Últimos Valores*. Lisboa: Revista Ocidente, 1945. p. 181-217.
- SARAIVA, A. J. & LOPES, O. Eça de Queiroz (Cap. X da 6a. época, "O Romantismo"). In: _____. *História da Literatura Portuguesa*. 15 ed. corrigida e atualizada. Porto: Porto Editora, 1989. p. 927-74.
- SIMÕES, J. G. Conformista (cap. I da VII parte "Decadência e Morte de Carlos Fradique Mendes"). In: _____. *Eça de Queiroz - O Homem*

e o Artista, v. 2. Lisboa: Dois Mundos, 1945. p. 613-28.

TORRES, A. P. Os Falsos Códigos Edênicos de *A Cidade e as Serras*.
COLÓQUIO/Letras. Lisboa, 31:14-29, 1976.

Bibliografia

CORTESÃO, J. Fidelidade ao Socialismo. In: _____. *Eça de Queiroz e a Questão Social*. Lisboa: Portugália, 1970. p. 51-80.

REIS, C. *Estatuto e Perspectivas do Narrador na Ficção de Eça de Queiroz*. Coimbra: Almedina, 1975.